

**OS DEVERES FILOSÓFICOS
NAS EPISTULAE MORALES AD LUCILIUM, DE SÊNECA**

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

lucalica@gmail.com

Mauri Alves Monteiro (UFJF)

mauriam@superig.com.br

RESUMO

O filósofo latino Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), nasceu em Córdoba, Espanha, numa família burguesa, mas assumiu cidadania romana. O conjunto de suas cartas, de gênero protréptico (προτρειπτικός = estimulante, persuasivo, capaz de impulsionar adiante) são dirigidas ao amigo e discípulo Lucílio, que era procurador imperial na província da Sicília, naqueles anos de turbulência política sob a tirania do Imperador Nero. Sêneca demonstra nas suas epístolas morais vínculos de filiação estoica como respostas à perversão do gosto, consequência da decadência cultural e envelhecimento das artes em geral, entre outros problemas de ordem teórico-prático (analisando a psicologia humana, fruto da observação e autoconhecimento); em defesa de uma estética ática clássica, voltada para uma verdade essencial e necessária, distante do entretenimento e da especulação superficial, pois o que importa são a realidade universal, os grandes modelos, a simplicidade e a sobriedade, mas não a imitação servil. Sêneca via Roma dominada pela decadência dos costumes e escritores medíocres envolvidos numa preciosidade pedante, onde falta sensibilidade e inspiração. Seu método é aparentemente assistemático, mas na realidade muito coerente, exigindo reflexão e controle da razão. Estas cartas constituem um exemplo do empalidecimento em que mergulhara o primeiro século d.C., assinalando já o declínio da poesia e deterioração das letras em Roma, não só por sua frequente referência a aspectos da vida (viagens, costumes, personagens, histórias, tradições etc.). O sentido da responsabilidade social, entre outros temas, é de importância excepcional para a história do pensamento.

Palavras-chave: Atos de fala. Sêneca. Estoicismo. Epistolografia. Língua latina.

1. Introdução

O presente estudo tem por objetivo analisar o discurso de Sêneca visando instruir seu discípulo Lucílio. O *corpus* do presente tema compreende o Livro I, com 12 cartas (ἐπιστολαί = epístolas), assinalando Sêneca os vários gêneros discursivos, entre os quais destacamos como atos de fala ou, como identificamos nas epístolas de Sêneca a Lucílio, deveres que devem pautar o comportamento de jovens e adultos, na vida pública e privada. Um tal empreendimento é exigido por naturezas fortes e destemidas, excluídos estão os pusilânimes. A via ética e estética que se descortina visa conduzir ao cultivo das belas artes e o justo valor que

cada coisa assume, tendo a filosofia como meta e alvo sempre preservado.

Em contraposição a Aristóteles que dividia a retórica em três gêneros (o “deliberativo” – que procura persuadir ou dissuadir; o “judiciário” – que acusa ou defende) e o “epidítico” – que elogia ou censura). Quintiliano elenca uma série de ações que realizamos com nosso discurso (atos de fala) enumerados a seguir. Tais ações são citadas no projeto de pesquisa são:

lamentar, consolar, apaziguar, aconselhar, recomendar, excitar, intimidar, confirmar, ensinar, esclarecer quanto à ambiguidade das palavras, relatar, solicitar ou agradecer, parabenizar, repreender, invectivar, difamar, notificar, revogar, desejar ou fazer votos, opinar e muitas outras.

Notadamente identificamos uma sequência de conselhos e ações afetuosas e efetivas que devem pautar a vida daquele que pôs em marcha a pesquisa verdadeiramente científica. Distinguimos a forma ideal entre os modelos existentes. O τέλος (finalidade) não é o estágio final onde tudo termina, mas, ao contrário, um esforço cotidiano, de sustentar e dar passos firmes, ainda que pareçam estáticos e até mesmo retrógrados.

Agora passamos a explicitar as implicações semânticas dos atos de fala: Lamentar: exprimir por lamentos ou lamúrias. Consolar: aliviar ou tentar aliviar a dor, o sofrimento, a aflição. Apaziguar: pôr em paz, pacificar, aquietar-se, acalmar-se. Aconselhar: dar ou ouvir conselho. Recomendar: fazer ver, aconselhar, indicar. Excitar: provocar ou ter uma reação física ou psicológica. Intimidar: provocar ou sentir apreensão, receio. Confirmar: declarar, afirmar a verdade ou a exatidão de ato. Ensinar: dar lições a, instruir esclarecer quanto à ambiguidade das palavras. Relatar: narrar, contar, solicitar ou agradecer: tem a ver com pedido, solicitação. Parabenizar: congratular-se com alguém por dar os parabéns. Repreender: admoestar energeticamente, advertir, censurar invectivar; pronunciar invectivas, lançar invectivas contra alguém. Difamar: ato ou efeito de difamar, destruir a boa fama de alguém. Notificar: dar notícia, informe, comunicação. Revogar: tornar sem efeito, fazer deixar de vigorar. Desejar ou fazer votos. Opinar: emitir opinião, dar parecer, expor o que se pensa.

2. Análise das epístolas

Existe um tempo adequado para nos dedicarmos à filosofia? Possivelmente não.

Qual é o tempo decisivo, o momento adequado que nos abre os olhos, para emprendermos aquela jornada inteligível, arando uma terra ainda desconhecida?

Sempre se diz que os “amigos” nos levam para o bom ou mau caminho. Mas, de fato, quando a questão é voltar-se para o interior ou confiar-se em si mesmo, o exemplo é necessário? A verdade se coloca como princípio. Mas, de fato, necessitamos de algum guia ou mestre? Se estamos abertos à alteridade do outro, algo ou alguém sempre nos faz perceber a urgência de como fazer, do modo como precisamos agir e/ou mudar o curso de nossa existência. Aristóteles citando Hesfodo diz:

Melhor, e muito, é quem conhece tudo só;
é bom quem ouve dos que sabem;
quem não sabe por si nem abre o coração à sapiência
alheia, este é um homem totalmente inútil¹⁷¹

Já em Epicuro encontramos:

Nem quando um é jovem se hesita a filosofar, nem quando é velho se afadiga da filosofia. Para nenhum não é ainda o momento ou não é mais o momento de adquirir a saúde da alma. Porque quem afirma não ser ainda o tempo oportuno de filosofar, ou que este tempo é agora passado, assemelha a quem dissesse que não é conjunto ainda a felicidade, ou que não o é mais. ... se é verdadeiro que, quando essa é presente, temos tudo, ao contrário, enquanto é ausente, agimos a fim de poder possuí-la.¹⁷²

Não é que o vivido seja mal, mas que se dissipa enquanto a vida transcorre, cada coisa vale e ensina, se a estimamos de modo próprio.

Sêneca nos diz que o tempo nos foi roubado:

“...vindica te tibi, et tempus quod adhuc aut auferebatur aut subripiiebatur aut excidebat collige et serva.”... reivindica-te para ti mesmo, o tempo que, até aqui, de ti foi retirado, de ti foi roubado ou cortado, reúne e conserva.

“quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt.” ...alguns tempos são roubados de nós, alguns são subtraídos, alguns fluem... grande parte da vida se esvai para aqueles que fazem mal, a maior parte da vida para os que nada fazem... (Carta a Lucílio, I)

¹⁷¹ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I.

¹⁷² Epicuro, Carta a Meneceu, op. cit., § 122, p. 171

Refletindo sobre a noção de “morte”, faz notar a quem valoriza o dia vivendo plenamente, que também se morre a cada dia. É inútil temer e cogitar “o medo da morte”. Não apenas ela não é, quando somos; como também já não somos, quando na verdade grande parte dela já passou. Por isso devemos até lançar mão do hoje...

A morte não é nada para nós, porque todo bem e todo mal reside na sensação (αἰσθήσει): pois bem, a morte é privação de sensação. Por isso, a reta cognição[λόγος] de que a morte não é nada para nós, compreende bem aceito também o fato que a vida termina com a morte, não nos oferecendo em adição um tempo infinito, bem assim, liberando-nos do desejo intenso ou vontade imoderada apelo de imortalidade. Não existe nada de terrível no viver para quem compreendeu realmente que não subsiste nada de terrível no não-viver. Por isso, é estúpido quem sustenta temer a morte não porque trará pena quando estiver presente, mas, principalmente, porque porta pena enquanto deve ainda vir. De fato, isso que não causa dor quando é presente, não faz sentido afligir-se enquanto se espera. Por isso, o pior dos males, a morte, não é nada para nós, porque, por todo o tempo em que nós existamos, a morte não está presente; e, ao contrário, por todo o tempo no qual, a morte é presente, nós não somos.¹⁷³

Sêneca reafirma de modo categórico: “...só o tempo nos pertence, nem o passado, nem o futuro”; tomando posse não de coisas alheias, mas essa única coisa fugaz, o amor (Ἔρως; e a pobreza, πένια) que a natureza nos enviou. Que se acolha o tempo, não como um jugo pesado, seja agradecido por poder devolvê-lo aliviado.

Sêneca não considera pobre quem, mesmo no pouco, o bastante ainda sobra; ter o suficiente é o princípio da moderação quando se busca a virtude. Que se conserve o que se tem com parcimônia e, em bom tempo, comece. Que permaneça no mais íntimo apenas o melhor, o pior, que está no fundo, seja apagado.

Sêneca aconselha Lucílio a que não se inquiete com falas e mudanças, isso indica a agitação de uma alma doente, indo para fora e sem lugar.

A leitura de muitos autores e todo gênero de obras tem algo vago e instável; devemos nutrir-nos deles só o necessário, se desejamos trazer algo que permaneça mais firmemente na alma.

Vivamos no íntimo, como um monge, em peregrinação, de modo que muitos conhecimentos têm muitos pousos e pousadas, mas nenhum amigo.

¹⁷³ Epicuro, carta a Meneceu, *op. cit.*, § 124, 125, 126; p. 175 e 176.

Devemos nos aplicar com familiaridade à engenhosidade de algum autor, não necessariamente percorrê-los todos depressa atravessando-os. O alimento, a leitura é como remédio e deve ser benéfico para saúde do corpo e da alma. A mudança frequente é como tudo que é posto fora, rapidamente se esvai e nada permanece. A doença, a ferida e a dor devem ser cuidados até à convalescença. Uma planta não se recupera estando sempre transportada.

Não adianta ter uma multidão de livros que não traga contentamento. Leia sempre autores de comprovada probidade e virtude, não a autoridade.

Todos os dias prepare alguma coisa contra a penúria, a privação. Qualquer coisa de auxílio mesmo contra a própria morte e não menos contra outras calamidades.

Epicuro aconselhava: – “... É hábito percorrer os acampamentos alheios, não como desertor, mas sim como explorador” –: “É coisa honesta conservar a alegria (*gaudium, laetitia*) na pobreza”. (SÊNECA, Carta II)

Se existe alegria, na verdade, não há pobreza; não é pobre quem pouco tem, mas é pobre quem deseja mais. Que importa quanto temos guardado, quanto jaz nos celeiros, quanto gado ou dinheiro?

Para saber qual a justa medida da riqueza: primeiro é ter o necessário, em seguida, aquilo que é suficiente.

Qual o uso que se faz da palavra “Amigo” quando o nome não socorre: “... Se usaste a palavra amigo não em sentido próprio, mas no sentido geral, chamaste a todos de “bons cidadãos”, “senhores”... quando é óbvio que saudamos a todos, formal e respeitosamente.

Se se considera amigo alguém em quem não se deposita tanta confiança, erra-se honestamente, porque não se penetra a força da verdadeira amizade que reside no segredo. Deve-se acreditar na amizade, ou antes, avaliar o mérito da amizade, sem julgar. Que se pense em quanto tempo, se alguém deve ser acolhido em sua amizade. Quando se ama não há ódio nem ressentimentos, mas se fala e age com ele, tão audazmente como se fora contigo. Um verdadeiro amigo é aquele com quem se partilha “o pão”. Dar e retribuir o que honestamente recebeste; o outorgado não é conquista nem posse: “Viva de tal modo que nada escondas, ... que até mesmo teu inimigo possa ver”. (SÊNECA, Carta III)

Isso não quer dizer que se conte ao primeiro passante, o que só deve ser dito apenas aos amigos, ou que se confie aos ouvidos de um qualquer o que deve conservar-se em segredo.

Não é criatividade alegrar-se na confusão, mas a agitação de mente desenfreada. A diversão não é calma, mas frequentemente fraqueza e moleza. A natureza nos dirá que o dia foi feito igual à noite. Necessário é agir mantendo a calma, pois misturados estão dois: “A luz dos que nos ilumina e os refugiados na escuridão ao conceberem tudo que está sob a luz como demasiado confuso”. (SÊNECA, Carta III)

A muitos repugna dar consciência dos segredos, acreditando todo segredo apenas ao mais íntimo de si mesmo; mas o pensamento leal partilha suas descobertas sem temor, se se considera fiel e caro os que podem ouvi-lo.

Adquirida a confiança estimada persevera para que se possa usufruir de uma alma pura e serena tanto restaurada como impelida pela perfeição. Bem diferenciado prazer é aquele da contemplação de uma alma pura e imaculada de todo flagelo.

Quem não recorda alegria pueril (de criança) quando sente trocar o mundo da infância pela auspiciosa virilidade, conduzido por alguém ilustre nas letras ou na filosofia, esperando entrar no círculo dos homens, cujo primeiro imperativo é abandonar as coisas de criança, despojando a alma da infantilidade, sem perder a graça da inocência.

Que se compreenda e se supere: “*A morte que vem deveria ser temida, se contigo pudesse estar...*” não podendo, visto que a dimensão do “Ser” em Parmênides: ...o ser é e não pode não ser”; como em Platão se desloca a reflexão sobre o “Não-Ser” no Sofista, parricídio de Parmênides, que proíbia cogitar sobre o “Não Ser” sem incorrer em erro ou contradizer-se; estes não permanecem só na tradição filosófica imediatamente posterior (Neoplatonismo) e Filosofia Medieval. Diferente do “Nada” = Absoluto, a não coisa; o Inominável, “Ser Inteligível”, Criador e não criado; apreendido com outro estatuto, diluído na forma imaterial dia e noite (Διά κατ` νύξ), forma e inteligência superior (εἶδος καὶ νόος), só concebidas no espírito... “Nenhum mal é grande se é o último.... certas coisas são menos temidas porque fazem muito medo... mas, como conduzir o espírito ao desprezo da vida?” (SÊNECA, Carta IV)

Não se pensa que a virtude realiza justamente o que se realiza pela ausência, medo?

A ninguém que pense prolongar demasiadamente a vida pode lhe caber uma vida serena. Medita cada dia isto, para que possas com espírito sereno deixar esta vida, a qual muitos assim abraçam e seguram como aqueles náufragos que, na correnteza, se agarram aos cardos e aos rochedos. (SÊNECA, Carta IV)

Muitos infelizes por excessivo temor à morte, aceitam gratuitas torturas da vida, não sabendo viver e, menos ainda, não sabendo morrer. Se queres para ti uma vida alegre abandona toda preocupação de viver. Nenhum bem serve a nada, se não estamos prontos a perdê-lo.

Nenhuma coisa é mais grave perder, senão, aquela que perdida não pode ser recuperada. Não confie na tranquilidade momentânea: o mar está prestes a agitar-se; num mesmo dia um barco se afunda lá onde passara há pouco sem perigo.

Que se pense em um ladrão ou inimigo que pode enterrar-te um punhal na garganta; se alguém mais poderoso não o fizer, qualquer servo tem poder de vida ou de morte sobre ti. Assim digo: qualquer um que despreze a própria vida é senhor da sua.

Compreender-se-á que não poucos se arruinaram pela ira dos servos do que pela dos reis. Que te importa, então, quão poderoso seja aquele a quem se teme, quando aquilo por cuja causa se teme, qualquer um possa fazer?

Assim dizendo: desde que nascemos somos conduzidos para a morte. Estas coisas do mesmo modo são repassadas na alma, se calmamente queremos esperar aquela última hora cujo medo torna todas as outras horas inquietas.

Então, para pôr fim à epístola, que se receba como presente aquilo que a Sêneca, naquele dia, agradeceu e também isto que me foi ensinado de jardim alheio.

Magnae divitiae sunt lege naturae composita paupertas'. Lex autem illa naturae scis quos nobis terminos statuat? Non esurire, non sitire, non algere. Ut famem sitimque depellas non est necesse superbis assidere liminibus nec supercilium grave et contumeliosam etiam humanitatem pati, non est necesse maria temptare nec sequi castra: parabile est quod natura desiderat et appositum.

É uma grande riqueza a pobreza regulada pela lei da natureza." Sabes os limites que a lei natural nos impõe? Não padecer fome, nem sede, nem frio. Para evitar a fome e a sede, não é necessário assentar-se nas soleiras dos senhores soberbos nem suportar sua sobrancelha grave e também a ultrajante bondade... Nem é necessário afrontar os perigos da navegação ou partir para a

guerra: aquilo de que a natureza necessita é posto diante. (SÊNECA, Carta IV)

Sêneca afirma que é o supérfluo que nos cansa; que nos leva até terras estranhas: enquanto o que nos basta está bem diante das mãos: “Aquele que com a pobreza vive bem rico é¹⁷⁴”. (SÊNECA, Carta IV)

Para que se torne melhor, é necessário esforçar-se perseverantemente e fazer desta coisa a prioridade. Porém te aconselho: não se proceda ao modo daqueles que desejam não progredir, mas colocar-se à mostra. Que se escolha a via simples do regozijo em leito firme à terra. Que se evite o hábito rude e negligente e manifeste desprezo voluntário ao dinheiro, e se omita, em geral, toda outra coisa como os percalços da via adversa.

Bastante odioso é o trato com a filosofia vivida na aridez antes de encontrar sentido, portanto moderação. O que seria se começássemos a subtrair-nos ao costume, à tradição de tantos homens? Removendo todas as coisas, atrás e adiante, tão conveniente ao povo. Façamos aquilo que torne melhor a vida comum, sem afugentarmos de nós aqueles que queremos corrigir.

Eis o que nos promete o senso comum, o amor ao saber, o convívio e a humanidade. Atentemos para não parecerem ridículas as coisas pelas quais queremos preparar o assombro. Nosso real propósito é viver segundo a natureza. Mas, descuidar da higiene e adotar a sujeira ou nutrir-se de alimentos pobres, é contrário à natureza, é retrocesso repugnante para o corpo e desgosto para a alma.

Sêneca diz a Lucílio que também é sinal de loucura ou de moleza desejar alimentos refinados. A filosofia exige frugalidade, não o castigo indecoroso. A vida ideal espelha a moralidade pública e os bons costumes, elevar o olhar para o outro também encerra aprendizado. Aqui me agrada a moderação:

Não existirá entre nós e os outros alguma diferença?

Sim, saiba que o outro nos observa de perto, mesmo assim, somos diferentes da massa; feliz aquele que entrar em nossa casa, se admire conosco, não da nossa veste ou mobília.

Sêneca diz:

¹⁷⁴ Em latim, “Cui cum paupertate bene convenit dives est”.

Magnus ille est qui fictilibus sic utitur quemadmodum argento, nec ille minor est qui sic argento utitur quemadmodum fictilibus; infirmi animi est pati non posse divitias.

É débil a alma de quem não pode suportar a riqueza... é grande quem usa vasilhame de argila como se fosse de prata, não o é menos, quem usa prata como se fosse argila.

Sêneca encontrou em Hecatão de Rodes o seguinte:

"Desines" inquit "timere, si sperare desieris." Dices, 'quomodo ista tam diversa pariter sunt?' Ita est, mi Lucili: cum videantur dissidere, coniuncta sunt.

O fim dos desejos serve também como remédio ao medo. Deixará de temer, quando deixares de ter esperança. (SÊNECA, Carta V)

Esperança e temor pesam igual num espírito preocupado e inquieto. A causa principal de ambos é que não nos adaptamos ao presente, mas nos lançamos adiante como reféns dos pensamentos, em sua incapacidade de prever e de transformar a condição humana.

Ferae pericula quae vident fugiunt, cum effugere, securae sunt: nos et venturo torquemur et praeterito. Multa bona nostra nobis nocent; timoris enim tormentum memoria reducit, providentia anticipat; nemo tantum praesentibus miser est.

As feras evitam os perigos que veem, com o simples esquivar-se... nós nos torturamos com o futuro e com o passado... a memória renova a angústia do medo, a previsão do futuro a antecipa; ninguém é infeliz só com o presente. (SÊNECA, Carta V)

Sêneca conduz o entendimento de Lucílio esclarecendo-o de não estar só se corrigindo, mas também se metamorfoseando; distante das promessas e longe da esperança que lhe sobre para ser mudado. Sêneca se pergunta se não deverá ter ainda muitos sentimentos que devam ser reunidos, debilitados ou levantados. E este o argumento da alma metamorfoseada para melhor, porque vê seus vícios que antes ignorava, isso desejaria compartilhar em tão súbita mutação.

Então, a começar com a amizade verdadeira, que não é esperança, nem temor, nem preocupação por interesse; diferente daquela reunião na qual os homens se matam e são mortos. Só a amizade verdadeira pode dar-lhe em justa medida aquela vontade que arrasta o espírito.

Como conservar a identidade na diferença tendo tanto em comum?

Sêneca convoca Lucílio a compartilhar consigo aquilo de que Lucílio é tão versado e eficaz. A alegria verdadeira é duplamente pródiga em ensinar e aprender. Não se pode imaginar quantos momentos eu vejo serem trazidos a mim a cada dia. Nenhuma realidade, por mais extraordinária e salutar, agradaria se eu fosse seu único conhecedor. Se lhe fosse concedida a sabedoria com essa exceção, de modo a retê-la e encerrá-la sem compartilhá-la, ele a refutaria. A posse de bem algum tem motivo de alegria se não houver compartilhamento.

Sêneca se compromete a enviar-lhe os seus próprios livros, a fim de que não despenda muito trabalho, enquanto ele segue aqui e ali os passos úteis, toma como sugestão as indicações que faz, a fim de que se aproxime de longe daquilo que aprova e admira.

Sêneca aconselha:

Mittam itaque ipsos tibi libros, et ne multum operae impendas dum passim profutura sectaris, imponam notas, ut ad ipsa protinus quae probo et miror accedas. Plus tamen tibi et viva vox et convictus quam oratio proderit; in rem praesentem venias oportet, primum quia homines amplius oculis quam auribus credunt, deinde quia longum iter est per praecepta, breve et efficax per exempla.

Uma conversa de viva voz será mais útil para ti do que um discurso escrito; no momento presente, é necessário que venhas, primeiramente porque os homens creem mais nos olhos do que nos ouvidos, em seguida porque longo é o caminho através dos preceitos, mas breve e eficaz através dos exemplos. (SÊNECA, Carta VI, 5)

Zenonem Cleanthes non expressisset, si tantummodo audisset: vitae eius interfuit, secreta perspexit, observavit illum, an ex formula sua viveret. Platon et Aristoteles et omnis in diversum itura sapientium turba plus ex moribus quam ex verbis Socratis traxit;

Cleantes nunca poderia exprimir completamente a doutrina de Zenão, se fosse apenas ouvinte: participou da sua vida, penetrou os segredos, observou, e seguindo seus ensinamentos vivera... A Platão e Aristóteles e toda a massa dos sábios disposta a ir em caminhos diversos causou maior tração os costumes que as palavras. (SÊNECA, Carta VI, 6)

Metrodorum et Hermarchum et Polyaeum magnos viros non schola Epicuri sed contubernium fecit.

Metodoro, Hermarco e Polieno grandes homens em coragem não foi a escola de Epicuro que os fez, mas seu convívio. (SÊNECA, Carta VI, 6)

Como devo a ti um regalo ao terminar esta carta, vai aqui minha pequena contribuição diária, direi o que teria dito Hecatão:

Nec in hoc te accerso tantum, ut proficias, sed ut prosis; plurimum enim alter alteri conferemus.

Queres saber o que lucrei? Comecei a ser amigo de mim mesmo... nunca mais estarás sozinho. Fica sabendo um tal amigo todos podem ter. (SÊNECA, Carta VI, 6)

Lucílio pergunta a Sêneca que coisa se deve evitar. Sêneca responde sem hesitar, a massa, sobretudo. Ainda não é o tempo adequado de frequentá-la. O trato com muita gente pode ser hostil. O contato com a multidão é sempre deletério: não existe nenhum que não nos contamine a consciência ou imponha algum vício. Por isso o perigo é tanto maior quanto mais nos misturamos. Tome como exemplo os grandes espetáculos: “Existe algo mais danoso aos bons costumes do que assistir os vícios que se insinuem através dos prazeres?” (SÊNECA, Carta VII, 2)

Sêneca afirma que, quando retorna está mais dissoluto e ambicioso, se perdeu o senso humano. Disfarçam-se nos divertimentos ritmos espirituosos para esconder de olhos relaxados o sacrifício cruel e sem misericórdia.

E que, também, o êxito na luta é a morte e reserva ao vencedor cair noutra matança; tudo isso só para retardar a morte. Se alguém praticou o roubo ou matou, pedem que os malfeitores sejam punidos, mas os meios como procedem são o ferro e o fogo.

Sêneca interpela com dureza a Lucílio ao dizer: mas tu infeliz o que fizeste para assistir a esse horror que não purifica [κάθαρσις]? E o encoraja: Coragem amigo, não percebeis, que os maus exemplos retornam a quem os dá?

Sêneca retruca: dai graças aos deuses imortais porque vos ensinastes e aprendestes a não ser cruel. E lhes impõe:

Subducendus populo est tener animus et parum tenax recti: facile transitur ad plures. Socrati et Catoni et Laelio excutere morem suum dissimilis multitudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui cum maxime concinnamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium potest.

É necessário subtrair ao povo o ânimo débil e pouco sadio na virtude: facilmente se passa para o lado da maioria... Sócrates, Catão e Lélcio teriam podido mudar os costumes de uma massa de gente diversa da deles?... Digo nenhum de nós, sobretudo quando o nosso caráter está em formação, pode resistir à pressão de tão grande séquito de vícios que vêm. (SÊNECA, Carta VII, 6)

É duplamente desastroso imitá-los ou odiá-los. Mas são de evitar um e outro extremo: não debes assimilar-te aos malvados, nem ser inimigo de muitos, só porque são diferentes:

Necesse est aut imiteris aut oderis. Utrumque autem vitandum est: neve similis malis fias, quia multi sunt, neve inimicus multis, quia dissimiles sunt. Recede in te ipse quantum potes; cum his versare qui te meliorem facturi sunt, illos admittite quos tu potes facere meliores. Mutuo ista fiunt, et homines dum docent discunt.

Recolha-te em ti mesmo por quanto puderes; frequenta as pessoas que podem fazer-te melhor e acolhe aqueles que podes tornar melhor. A vantagem é recíproca porque enquanto se ensina também se aprende. (SÊNECA, Carta VII, 8)

Ignore o desejo de tornar conhecido o seu gênio, a ponto de fazer leituras ou disputas; alguém, certamente há que possa compreender-te, e tu deverás formá-lo e educá-lo para que atinja o nível da tua inteligência. Não há por que temer ter perdido o teu tempo, se tiveres estudado em teu proveito...

Te sirva como débito para pagar esta carta umas máximas de Demócrito: – "Uma só pessoa vale para mim um povo e um povo uma só pessoa".¹⁷⁵ (SÊNECA, Carta VII, 10)

Perguntaram-lhe porque se aplicava com tanto empenho a uma matéria que pouquíssimos se aventurariam, respondeu: "Para mim basta poucas pessoas, talvez uma só ou na verdade nenhuma".¹⁷⁶

O excelente Epicuro fez a seguinte afirmação: "Eu falo isto não para muitos, mas para ti; somos, com efeito, um para o outro um grande teatro".¹⁷⁷

É teu dever, caro Lucílio, conservar em ti estas máximas, por desprezar os prazeres que derivam do senso comum: "Muitos te louvam; mas por que deveis alegrar-te com eles? Os teus méritos exigem apenas aprovação da consciência..."¹⁷⁸ (SÊNECA, Carta VII, 12)

Lucílio replica aos conselhos de Sêneca, dizendo, como pagar ou contentar a consciência conservando-se afastado das aglomerações? Se os seus preceitos filosóficos lhes impõem atividade mesmo diante da morte?

¹⁷⁵ Em latim, '*Unus mihi pro populo est, et populus pro uno*'.

¹⁷⁶ Em latim: '*satis sunt*' inquit '*mihi pauci, satis est unus, satis est nullus*'.

¹⁷⁷ Em latim: '*haec*' inquit '*ego non multis, sed tibi; satis enim magnum alter alteri theatrum sumus*'.

¹⁷⁸ Em latim: '*Multi te laudant: ecquid habes cur placeas tibi, si is es quem intellegant multi? introrsus bona tua spectent*'.

Como? Sugere um método. Acreditas em ócio criativo como na escola [σχολή]? Se me recolho apartado, o faço para ser útil a muita gente. Dedicção e estudo compreende até parte das noites; trabalho e vigília ocorrem até sucumbirmos ao sono. Nenhum dia termina em inércia, mas em fadiga.

Sêneca assevera que escreve epístolas como salutares admoestações. Tais são como medicamentos úteis, tendo experimentado sua eficácia, não apenas nas feridas, se acaso não sararam, cessaram de se alastrarem. (SÊNeca, Carta VIII, 2)

As palavras de Sêneca fazem ecoar aos outros a via justa: ele a conheceu tarde e cansado de muito errar. Mas assegura a seu público: evitar tudo aquilo que agrada ao vulgo e que o acaso atribuiu. Conclama seu público a se fechar impávido a todo bem suspeito, haja vista que é fortuito o engodo que ilude fera e peixe, todos enganados com alguma esperança vã.

Sêneca recomenda que se evite, tanto quanto possível, os bens viciosos, pois não são dons da sorte, mas precipícios. Tão logo pensamos tê-los em mãos, estamos, na verdade, presos a eles.

E reitera: E depois, mais reto do que resistir à dor, é moderar a felicidade. Diz-lhe que conserve esta regra salutar de vida:

Hanc ergo sanam ac salubrem formam vitae tenete, ut corpori tantum indulgeatis quantum bonae valetudini satis est. Durius tractandum est ne animo male pareat: cibus famem sedet, potio sitim extinguat, vestis arceat frigus, domus munimentum sit adversus infesta temporis.

... ao corpo não mais que o suficiente para uma boa saúde... Deve-se tratá-lo o mais duramente para que não obedeça imperfeitamente à alma: que o alimento sacie a fome, que a bebida acabe com a sede, que a veste afugente o frio, que a casa seja a defesa contra as intempéries. (SÊNeca, Carta VIII, 5)

Sêneca comenta que a casa de pau-a-pique é também refúgio contra a inclemência dos elementos. Existe algo “grandiosíssimo” além do qual nada maior pode existir, por isso, recomenda que se despreze todas as coisas que estabelecem a fadiga inútil. Assim, toda vez que entoarmos nossas palavras não se permita que o ornamento macule de pecado o adorno; Lembra a seu público que pense apenas: nada além do “grande espírito” é admirável.

Sêneca confirma a Lucílio que fazem coisas mais grandiosas aqueles que parecem nada fazer: pois cuidam ao mesmo tempo do divino e do humano.

Mas para mostrar gratidão ao teor dessa carta, Sêneca aconselha que se observe uma citação de Epicuro: “É necessário que te consagres à filosofia, para que a verdadeira liberdade chegue até ti... Não será posto de lado quem a ela se submeteu e se entregou”.¹⁷⁹ (SÊNeca, Carta VIII, 7)

Sêneca adverte que inúmeras coisas são ditas em domínio público, quando, na verdade, já foram ditas por poetas e filósofos antigos! Sêneca questiona: como medir a gravidade ou beleza das afirmações trágicas e o efeito da graça e delicadeza nos mimos? Um as coisas são ditas ou mostradas com pés descalços, outras como se marchassem sob coturnos! (SÊNeca, Carta VIII, 8)

Nega-se que se deva considerar nossos, bens atribuídos pelo acaso: “...é alheio tudo aquilo que acontece segundo o desejo... Não é teu aquilo que a sorte fez teu... Pode ser considerado um bem aquilo que pudesse ser retirado?”¹⁸⁰ (SÊNeca, Carta VIII, 9,10)

Sêneca considera que alguns dizem ter Epicuro afirmado contra Estilbão que o sábio se está satisfeito consigo mesmo, não necessita de amigo. Em seguida, assegura que o sumo bem foi considerado como a alma que não padece (*ἀπάθειαν* = apatheian como ausência de sofrimento ou sensibilidade; calma; indiferença; impassibilidade). Isso nos conduz ao ideal estoico de imperturbabilidade (ou *ἀταραχία*). De longe, nos referimos àquele que rechace o sentido de todo mal: será entendido como aquele que nenhum mal possa suportar. Vê, pois, se não é preferível falar ou de alma invulnerável ou de uma alma além de todo padecer. (Cf. SÊNeca, Carta IX, 1, 2)

Sêneca define no parágrafo 3 da carta IX as características do sábio: o sábio distingue e vence todo o incômodo, mas o faz diferentemente, daqueles que nem sequer o percebem. Desse modo, o sábio, é para nós um comum que esteja contente consigo. Por outro lado, quer ter um amigo, um vizinho de casa e companheiro da vida, embora a si próprio se baste. (Cf. SÊNeca, Carta IX, 3)

¹⁷⁹ Em latim: *'philosophiae servias oportet, ut tibi contingat vera libertas'. Non differtur in diem qui se illi subiecit et tradidit: statim circumagitur; hoc enim ipsum philosophiae servire libertas est.*

¹⁸⁰ *alienum est omne quidquid optando evenit. Hunc sensum a te dici non paulo melius et adstrictius meministi: non est tuum fortuna quod fecit tuum. Illud etiam nunc melius dictum a te non praeteribo: dari bonum quod potuit auferri potest.*

Sêneca questiona e faz ponderações acerca das vicissitudes da vida. E reflete: até onde vai o contentamento se uma doença ou um inimigo lhe privasse totalmente de algo vital como a luz dos olhos? Um membro arrancado (...os olhos do Rei Édipo, em Sófocles, que não lhe impediram de trilhar a torta via abissal); não lhe foi de resto melhor que um corpo perfeito agindo sem razão (como se fosse mutilado). Mas, se por um lado contente, não sente falta do que está ausente, por outro sem ressentimento, não prefere o que lhe falta.

Sêneca prossegue em suas divagações. Então, de que modo o sábio se contenta, se é tão grande a dependência do que necessita? Na fome de alimento, na sede, de água, na fadiga, de descanso. Quantas vezes renovamos o ar que respiramos? Suportando a dor com espírito tranquilo?... é possível estar alegre na luz?... e na ausência?... vale o “Espírito” que tudo vivifica?... É amigo verdadeiro quem sabe se privar em benefício do amado e nunca estará sem amigos. Um amigo é como um Fídias, esculpindo o mármore, se lhe falta um modelo, logo aparecerá outro, de maior beleza a nutrir o artífice.

Sêneca nos diz como conquistar um amigo imediatamente:

Quaeris quomodo amicum cito facturus sit? Dicam, si illud mihi tecum convenerit, ut statim tibi solvam quod debeo et quantum ad hanc epistulam paria faciamus. Hecaton ait, 'ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficae carmine: si vis amari, ama'. Habet autem non tantum usus amicitiae veteris et certae magnam voluptatem sed etiam inittu et comparatio novae.

... aquilo que te for conveniente em relação ao outro, saúde discreta e harmoniosamente...” “Hécaton diz, ‘eu te mostrarei um filtro amoroso, sem veneno, sem erva, sem fórmula de feiticeira: “se queres ser amado, ama”. Tem, porém, não somente os costumes e o grande prazer da velha e sincera amizade, mas também o da nova irá te procurar. (SÊNECA, Carta IX, 6)

Sêneca relata que o filósofo Átalo costumava dizer que era mais agradável cultivar um amigo do que tê-lo às mãos. Sêneca se questiona se está clara a diferença entre o amigo que semeia e o que ceifa. Reitera que há enorme solicitude ocupada em seu trabalho e igualmente um grande prazer em sua realização, pois não recebe igual deleite quem de uma obra terminada afastou a mão. Ele se pergunta se goza sempre o fruto de sua arte em si mesma. Cogita também se, ao contrário, sempre a desfrutaria antes de gerá-la, no seu crescimento e na plenitude.

Sêneca estoico abre espaço ao epicurismo, configurando-se como eclético. O sábio, satisfeito consigo mesmo, quer ter um amigo, quer

exercitar a amizade, a fim de que uma tão grande virtude não se enfraqueça, para aquilo que dizia Epicuro: "... a fim de que tenha alguém a quem esse possa dar assistência quando doente, ou que esse liberte a ele, sujeito à guarda inimiga".¹⁸¹ (SÊNECA, Carta IX, 8)

Sêneca prossegue pontuando: reflete mal quem espera chegar à amizade, sem a fidelidade necessária ao bom amigo. É necessário que o início e o fim concordem ou termine como começou... quem foi assim tomado em razão da utilidade, fez assim um amigo oportunista, aguardará enquanto o tempo for útil. A turba de falsos amigos se assentará em torno dos que têm sucesso, aos derrotados a solidão, e quando são postos à prova, fogem por motivo tão infame devido ao medo que outros os descubram e os delatem.

Sêneca define o conceito de amizade: um amigo é alguém por quem eu possa morrer, para que eu tenha alguém e possa segui-lo no exílio, alguém para cuja morte eu me apresente e possa defendê-lo. O afeto dos que amam tem algo similar; ou poderia dizer que é insano? Vejamos sua reflexão sobre a amizade:

Numquid ergo quisquam amat lucri causa? numquid ambitionis aut gloriae? Ipse per se amor, omnium aliarum rerum neglegens, animos in cupiditatem formae non sine spe mutuae caritatis accendit. Quid ergo? ex honestiore causa coit turpis affectus?

Acaso, alguém ama por lucro, ambição ou glória? O amor em si mesmo, negligenciando todas as outras coisas, acende nas almas o desejo da beleza, não sem esperança de mútuo afeto. Mas como? De uma mais honesta causa pode nascer tal sentimento? Como, pois, se chega a ela? (SÊNECA, Carta IX, 11,12)

Sêneca passa a refletir sobre o afeto. E, ao contrário, é esta a qual "nada" mais se deve provar, porque sua própria causa deve ser buscada e só pode chegar a ela quem se contenta consigo mesmo. Como, então, para uma causa belíssima, não capturado pelo luxo, nem atemorizado pela efêmera sorte, rebaixa da amizade sua grandeza aquele que a prepara para as boas ocasiões.

Como interpretar a felicidade (εὐδαιμονία: alegria, bem-estar) do sábio sem distanciá-lo do que o constringe dentro de sua própria pele. Deve-se distinguir: o viver feliz, não simplesmente viver em vista deste escopo; com efeito, foi visto lhe faltar muitas coisas, não necessariamente

¹⁸¹ 'ut habeat qui sibi aegro assideat, succurrat in vincula coniecto vel inopi', sed ut habeat aliquem cui ipse aegro assideat, quem ipse circumventum hostili custodia liberet.

te uma alma sadia, intrépida e que despreze a sorte. A esse respeito Crí-sipo (estoico, discípulo de Zenão) diz:

Ait sapientem nulla re egere, et tamen multis illi rebus opus esse: 'contra stulto nulla re opus est - nulla enim re uti scit - sed omnibus eget'. Sapienti et manibus et oculis et multis ad cotidianum usum necessariis opus est, eget nulla re; egere enim necessitatis est, nihil necesse sapienti est. [15] Ergo quamvis se ipso contentus sit, amicis illi opus est; hos cupit habere quam plurimos, non ut beate vivat; vivet enim etiam sine amicis beate.

O sábio não tem necessidade de nenhuma coisa... porém, lhe são necessárias muitas coisas: ao contrário, do insensato que não tem necessidade de nada, com efeito, não sabe servir-se de nenhuma coisa, mas carece de todas... Mãos e olhos são necessários no uso cotidiano, e muitas outras coisas... é próprio da necessidade sentir falta, já ao sábio nada é necessário... deseja ter amigos, não a fim de viver feliz; viverá feliz, mesmo sem amigos. (SÊNECA, Carta IX, 14, 15)

O sumo bem não encontra no exterior seus meios de realização; cultiva-se em casa, é totalmente originário de si mesmo. Qual será, a sorte do sábio, se é privado de amigos ou exilado em nação estrangeira ou retido em uma prolongada navegação e atirado em uma praia deserta?

Semelhante é a Júpiter (Ζεύς), tendo-se dissolvido o mundo e os deuses (Τιτᾶνες = convertido em elementos da natureza) confundindo-os em uma só coisa, cessando por algum tempo a ordem natural das coisas, repousou em si, entregue aos seus pensamentos. (SÊNECA, Carta IX, 16)

O sábio faz coisa semelhante: se retira em si e resta só consigo mesmo. Por tanto tempo quanto for facultado em seu poder de decisão ordenará os prazeres, contrairá ou não esposa e gerará filhos... de uma única coisa não poderia viver, sem a companhia de um ser humano. A amizade é como fosse a repulsa natural pela solidão, sendo inerente ao sentimento do homem viver em sociedade. Todavia, o sábio delimitará em si ou diante de si todo bem e repetirá as palavras de Estilbão, que Epicuro critica na sua carta:

Hic enim capta patria, amissis liberis, amissa uxore, cum ex incendio publico solus et tamen beatus exiret, interroganti Demetrio, cui cognomen ab exitio urbium Poliorcetes fuit, num quid perdidisset, 'omnia' inquit 'bona mea mecum sunt'. [19] Ecce vir fortis ac strenuus! ipsam hostis sui victoriam vicit. 'Nihil' inquit 'perdidit': dubitare illum coegit an vicisset. 'Omnia mea mecum sunt': iustitia, virtus, prudentia, hoc ipsum, nihil bonum putare quod eripi possit. Miramur animalia quaedam quae per medios ignes sine noxa corporum transeunt: quanto hic mirabilior vir qui per ferrum et ruinas et ignes inlaesus et indemnis evasit! Vides quanto facilius sit totam gentem quam unum virum vincere?

...tendo sido tomada sua cidade, perdidos os filhos e a esposa, como saísse solitário e feliz, por ter sobrevivido a um incêndio geral, e ao interrogatório de

Demétrio, cognominado Poliorcetes, na destruição das cidades, se (Estilbão) havia perdido alguma coisa, ele disse todas as minhas coisas estão comigo... Eis um homem forte e valoroso! Ele venceu o inimigo vencedor. "Não perdi nada" disse: e constrangeu o inimigo a duvidar da própria vitória. "Todos os meus bens estão aqui comigo" senso de justiça, virtude, sabedoria e, sobretudo isso, não considerar um bem o que possa ser retirado. Nós admiramos certos animais que atravessam sem dano no meio do fogo: quanto mais admirável este homem que sai ileso e não ferido pelas armas e ruínas e fogos! Vê quanto mais fácil é vencer uma nação inteira que um homem só? (SÊNECA, Carta IX, 18,19)

Eis como a prática do filósofo estoico tem em comum com aquele: também ele porta os seus bens intatos através da cidade em chamas: é autossuficiente e, nestes confins, delimita a sua felicidade.

Lembre-se do exemplo de Epicuro a Estilbão: "Se a alguém, diz ele, não parecem grandiosíssimos os seus bens, pode ser que seja senhor do mundo inteiro, mas será sempre infeliz" ou ... "Indigente é o homem que não se julga muito feliz, mesmo que dê ordens ao mundo". (SÊNECA, Carta IX,20)

Sêneca reitera o sentido emprestado às palavras: Mais do que dizer, importa que anime as palavras com sentido verdadeiro. Reafirma que se evite as multidões e até o pequeno número singular. Não vejo ninguém com quem te queira relacionado.

Lembremos o episódio de Crates, ouvinte daquele Estilbão, mencionado na carta anterior, tendo visto um jovem andando de mansinho perguntou-lhe o que fazia: "– Falo comigo mesmo", disse ele... Crates retomou e advertiu: "Toma cuidado, quando conversares com um homem mau". Quando alguém é dominado pelo medo e pela dor, deve vigiar para que não faça uso equivocado da razão na solidão".¹⁸² (SÊNECA, Carta X, 2)

Sêneca adverte a Lucílio quanto a inúmeros cuidados: Entre os desavisados não se deve ir a si mesmo abandonado; pois ruma cativos e perigosos propósitos, para si mesmos ou para os outros, abrigando desejos espúrios; expondo sua alma à libido e à ira; enquanto o recato a freava na audácia por vergonha ou por medo. A única coisa que a solidão tem de vantajosa é nada confiar a ninguém. Senão, aquele "bem" certo que nutre ao estar tranquilo consigo mesmo.

¹⁸² *Em latim: 'Mecum' inquit 'loquor.' Cui Crates 'cave' inquit 'rogo et diligenter attende: cum homine malo loqueris'. Lugentem timentemque custodire solemus, ne solitudine male utatur.*

O que se diz da boca para fora, não tem fundamento, a justiça é para o homem que visa à salvação. Atenta para o que fala, e, agradeça aos deuses pela integridade da mente, a boa saúde da alma e do corpo. Peça ao deus coragem, e do alheio nada. Ouse falar como se o deus publicamente o ouvisse, a verdade começa assim, ainda que não saibas se está ou não livre das paixões quando estas se calam. Viva entre os homens como se o deus o veja. (Cf. SÊNECA, Carta X, 5)

Um amigo de boa índole faz boa a conversa. Mostra que o talento não pesa mais que o espírito, e também, a grande porção em que já evoluíra. É assim, um bom rapaz enquanto se concentra, a duras penas para superar o receio, até o ponto em que o rubor proveniente da profundidade se espalhou pelo rosto. A vergonha, imagino (os defeitos naturais do corpo ou os vícios da alma), a custo são depurados ou apagados, pela ciência (ἐπιστήμη) é atenuada de todos os vícios, pela sabedoria quando tiver sido forjada em puro fogo. (Cf. SÊNECA, Carta XI, 1)

Sêneca chega a ser categórico ao afirmar que não há remédio:

Inter haec esse et ruborem scio, qui gravissimis quoque viris subitus affunditur. Magis quidem in iuvenibus apparet, quibus et plus caloris est et tenera frons; nihilominus et veteranos et senes tangit. Quidam numquam magis quam cum erubuerint timendi sunt, quasi omnem verecundiam effuderint; [4] Sulla tunc erat violentissimus cum faciem eius sanguis invaserat. Nihil erat mollius ore Pompei; numquam non coram pluribus rubuit, utique in contionibus. Fabianum, cum in senatum testis esset inductus, erubuisse memini, et hic illum mire pudor decuit.

...diferentemente dos fadigados; para certos homens prontos e febris ou homens de firme caráter, irrompem um suor na presença do povo. Para fazer um discurso os joelhos tremem, a língua vacila, os lábios se cerram: estas coisas nem a disciplina nem o costume nunca extirpa, mas a natureza exerce a sua força e admoesta uns e outros vigorosamente. Ninguém escapa ao rubor de tais debilidades, mesmo os homens mais austeros. Evidentemente, os jovens de frente delicada, quedam vítimas indefesas, mas o mesmo ardor aflige também os maduros (Sila, Pompeu, Fabiano). (SÊNECA, Carta XI, 3)

E explica porque:

Non accidit hoc ab infirmitate mentis sed a novitate rei, quae inexercitatos, etiam si non concutit, movet naturali in hoc facilitate corporis pronos; nam ut quidam boni sanguinis sunt, ita quidam incitati et mobilis et cito in os prodeuntis.

Isto não acontece por debilidade da mente (ou qualquer defeito intelectual), mas pela novidade da situação, que, mesmo que não os abale, movimentam os inexperientes inclinados pela natural facilidade do corpo para esse efeito, que pode, senão inibir, pelo menos perturbar os inexperientes e os homens

bons de sangue calmo; tornando uns e outros senão excitados e movediços, ao menos à mercê desse influxo. (SÊNECA, Carta XI, 5)

Como defeitos, nenhuma sabedoria pode eliminá-los, aliás, se tivessem poder todos os vícios, estariam sob controle no domínio das coisas e da natureza.

Quaisquer que sejam as condições: nascimento, herança genética e outras misturas, persistem em nós, mesmo quando a alma tiver se corrigido por muito e longo tempo; nada mais nos resta que prová-lo por experiência.

Sêneca, quanto ao que afirma acima, postula:

Artifices scaenici, qui imitantur affectus, qui metum et trepidationem exprimunt, qui tristitiam repraesentant, hoc indicio imitantur verecundiam. Deiciunt enim vultum, verba summittunt, figunt in terram oculos et deprimunt: ruborem sibi exprimere non possunt; nec prohibetur hic nec adducitur. Nihil adversus haec sapientia promittit, nihil proficit: sui iuris sunt, iniussa veniunt, iniussa discedunt.

O teatro trágico é a prova viva dessas emoções, por meio dos signos exprimem o medo, a tristeza, o receio. Com efeito, os atores falam ou balbuciam palavras entrecortadas, fixam os olhos no chão e se submergem; o rubor não pode ser freado em onomatopeias, são fenômenos com seu status próprio, vêm e vão espontaneamente. (SÊNECA, Carta XI, 7)

Um tal homem deve ser por nós amado e tido sempre diante dos olhos, de modo que assim vivamos como se ele nos guiasse como guardião e pajem. O modelo testemunha para que o erro seja evitado. E necessário que a alma tenha alguém a quem tenha respeito, sob cuja autoridade torne mais sagrado até mesmo o seu segredo. Feliz daquele que não apenas com presença de espírito, mas até tendo meditado se corrige! Reverenciar a memória de um Catão austero cuja lembrança o acompanha. Para tal propõe:

Elige eum cuius tibi placuit et vita et oratio et ipse animum ante se ferens vultus; illum tibi semper ostende vel custodem vel exemplum.

Escolha a vida e a oratória daquele, portando diante de nós o seu espírito e ostenta-o como guia e guardião. A obra de alguém para quem nossos próprios costumes assemelham, privando-nos do mau. (SÊNECA, Carta XI, 10)

Sêneca reflete sobre a decadência material e cultural em sua época. Foi um tempo de grave crise econômica e cultural:

Sua casa de campo aparentemente serve como metáfora para a decadência que se instalara por toda parte. E quem a princípio reclamava das despesas era obrigado a reconhecer que a ruína alastrava, não por

mera negligência, mas uma irremediável mazela que cresce. Já não se fala de madeira carcomida, mas de pedra erodida que assinala o fim iminente. A culpa sempre repousa em alguém ou sob alguma coisa e o mal deixa seu gosto amargo na boca das vítimas. (Cf. SÊNECA, Carta XII, 1)

A carta XII reflete a decrepitude presente em uma casa de campo abandonada e em ruínas. O estado da casa de campo, a decrepitude dos imóveis e das pessoas que deveriam cuidar desse patrimônio revela o total desleixo do qual é testemunha o filósofo:

"Apparet" inquam "has platanos neglegi: nullas habent frondes. Quam nodosi sunt et retortidi rami, quam tristes et squalidi trunci! Hoc non accideret si quis has circumfoderet, si irrigaret". Iurat per genium meum se omnia facere, in nulla re cessare curam suam, sed illas vetulas esse. Quod intra nos sit, ego illas posueram, ego illarum primum videram folium.

O que ora se apresenta descuidado nodoso e retorcido indica os tristes sinais do desmazelo, levado a longa data por carecer dos cuidados, tantas vezes negado. Sujos estão os troncos! Isto não aconteceria, se alguém os higienizasse, ao modo de irrigação e vigor. Como as plantas, deixadas no mato, este rouba-lhes força e a folhagem. (SÊNECA, Carta XII, 2)

A maioria das pessoas de ordinário, “mortos ambulantes”, na verdade se estacam, paralisam diante da própria e anunciada decrepitude, quiçá enlouquecidos:

Debeo hoc suburbano meo, quod mihi senectus mea quocumque advertebam apparuit. Complectamur illam et amemus; plena <est> voluptatis, si illa scias uti. Gratissima sunt poma cum fugiunt; pueritiae maximus in exitu decor est; deditos vino potio extrema delectat, illa quae mergit, quae ebrietati summam manum imponit.

Uma casa para que se voltasse é lugar de doçura, se dela souberes tirar proveito. Ela está cheia de saborosíssimos frutos quando estão maduros. Nela está a maior graça que nos faz mergulhar na ebriedade da infância e na velhice dá o toque final. (SÊNECA, Carta XII, 4)

O prazer, em si mesmo, reserva para o final o que tem de mais belo. A idade avançada não padece dos arroubos fortuitos da juventude com a falta de siso; nem se precipita por carência nos prazeres que não sente faltar; grande alegria é ter exaurido os prazeres e os ter deixado para trás:

"Molestum est" inquis "mortem ante oculos habere". Primum ista tam seni ante oculos debet esse quam iuveni - non enim citamur ex censu -; deinde nemo tam sene est ut improbe unum diem speret. Unus autem dies gradus vitae est. Tota aetas partibus constat et orbis habet circumductos maiores minoribus: est aliquis qui omnis complectatur et cingat - hic pertinet a natali ad diem extremum.

É duro ter a morte diante dos olhos, não tanto pelo jugo do Censor que nos convoca para morrer. A existência está dividida horizontal e circularmente; tanto quanto cresce a vida numa escala múltipla vertical e harmônica para cima e para baixo. Tudo é cíclico e eterno, basta a cada dia o que lhe é próprio, nem mais nem menos. A noite vai da Aurora ao Crepúsculo, o dia vai do Nascer ao pôr do sol. (SÊNECA, Carta XII, 6)

Sêneca se reporta à filosofia da inconstância das coisas, de Heráclito:

*Dixit enim *** parem esse horis, nec mentitur; nam si dies est tempus viginti et quattuor horarum, necesse est omnes inter se dies pares esse, quia non habet quod dies perdidit. Alius ait parem esse unum diem omnibus similitudine; nihil enim habet longissimi temporis spatium quod non et in uno die invenias, lucem et noctem, et in alternas mundi vices plura facit ista, non <alia>: *** alias contractior, alias productior.*

Heráclito, disse: um dia é igual a todos os outros. Um fluxo permanente e contínuo (átomos e moléculas) que permite que cada coisa seja (em um momento) e não seja (noutro seguinte), ao mesmo tempo sendo sem nunca ser o mesmo, ainda que pareça na forma semelhante (a chama, a rio, o vento, etc.). Nada efetivamente tem espaço e tempo muito longo ou muito curto, que não encontre em um único dia: luz e trevas; assim é o mundo, em constante “vir a ser” que incorpora os fenômenos: semelhantes e diferentes. (SÊNECA, Carta XII, 7)

Assim, cada dia deve ser ordenado como se “abrigasse” um exército em marcha e o seu cumprimento fosse à efetivação da vida. Por isso, se aconselha viver a vida como se fora um “rito funerário” de festa e canto, e onde há música há também dança (χορός), comida (ἄγαστη: amor divino, afeição fraternal); e bebida; lembremos o Simpósio de Platão (συμπόσιον; reunião de amigos φίλια; συμ + πίνω, literalmente, reunião para beber; celebrar os bons costumes, o elogio ou discurso em belas palavras, etc.) onde se celebra cada dia em boa consciência, indo para o leito dormir com a alegria de ter cumprido o caminho que o destino lhe assinalou: “bebiotai, bebiotai” βεβίωται, βεβίωται (de βαίνω)? ir e vir, marchar; realizar, no sentido de: firme, constante... vivi; “já viveu, já viveu!” (isto é “está morto”). (Cf. SÊNECA, Carta XII, 9)

Digamos ser feliz e tranqüilo, dono de si, aquele que espera sem inquietude o dia de amanhã. Aquele que diz: “eu vivi”. Não temer, já porta consigo alguma beleza. “Viver na necessidade é um mal: mas não temos nenhuma necessidade de viver na necessidade”. Por que de todas as partes abrem-se numerosos caminhos à liberdade, curtos, fáceis. Demos graças porque é-nos permitido esmagar as próprias necessidades.

Como disse Epicuro: “O que deves fazer com o que te é estranho”? Para fechar a exposição das cartas, Sêneca se reporta a Epicuro:

Quod verum est meum est; perseverabo Epicurum tibi ingerere, ut isti qui in verba iurant nec quid dicatur aestimant, sed a quo, sciant quae optima sunt esse communia.

O que é meu verdadeiro ninguém pode tirar. Epicuro aconselhava nunca jurar sobre palavras, mas prezar o que está sendo dito, quem o diz... Saibam que o melhor (de todas as coisas e pessoas) pertencem a todos. Adeus. (SÊNeca, Carta XII, 11)

3. Conclusão

Vemos nas *Epístolas de Sêneca* um reiterado esforço ao persuadir seu discípulo Lucílio e eventuais leitores destas cartas, a dedicar-se à filosofia, pois esta, mais que as outras artes, nos aponta a via harmoniosa da prudência, do juízo, que desafortunadamente tarda chegar à maioria dos jovens e homens de poder.

Platão, no Simpósio (συμπόσιον) nos assinala um “Amor” no seu aspecto mais extraordinário, como se fosse uma “Musa inspiradora”, uma “ninfa divina”, e o seu objeto imediato seria a ciência, e estaria duplamente articulado não a um corpo enamorado de estulta e excessiva paixão; mas completamente calmo a contemplar aquela preciosa beleza virtuosa da alma, plena de graça, elegante e gentil, que cria o gosto racional tornando melhor os jovens, uma vez que estes induzidos a contemplar o belo que está nas instituições e nas leis, constatando que o corpóreo é a coisa ou a parte pequena, passando a seguir ao nível mais vasto de contemplação que é a ciência (ἐπιστήμη: a arte, a consciência, o estudo, a aplicação ao saber), não mais escravo do amor instintivo e mísero; ao contrário, revoltado ao largo mar de infinito e eterno do amor ao saber, que não nasce nem morre, não cresce nem cessa. Ascende passo a passo conhecendo aquela suprema beleza que é em si. Uma vez vista, não será comparável a ouro, nem vestimenta, nem rapaz ou moça jovem. De pronto, ao mirar o belo, tu e muitos outros experimentarão forte turbamento psíquico, violenta e improvisa sensação, para gozar ininterruptamente da visão, da convivência, a durar se fosse possível, sem comer, sem beber, só a admirar e estar juntos. Devemos acreditar que ocorra, se um viesse a ver o próprio belo, puro, sincero, franco, imune, não contaminado pela vaidade da carne, nem das cores mortais humanas, se um chegasse a vislumbrar, a distinguir a beleza em si divina e uniforme. Isso não seria desprezível, se a contemplasse não com os olhos, mas com o intelecto vi-

vendo em comunhão com ela (a beleza). Contemplando essa beleza com os meios pelos quais ela se torna visível, não poderá acontecer de gerar uma aparente virtude. Visto que não se atinge a aparência, mas a virtude verdadeira. Esse amor nascido é nutrido pela virtude verdadeira, será possível tornar-se predileto aos deuses? E também ele (o amor), se nunca outro homem, imortal? Por esta conquista não se poderia facilmente encontrar na natureza humana mais válida ajuda entre todos o Amor? (PLATÃO, “Simpósio”, XXVIII, XXIX, 210-212. Frag. Estrangeira de Mantinea, Diotima)

Se por um lado, a amizade e a ausência de rancor mostra nossa humanidade; por outro, alimentamos a esperança de conduzir nossa vida do modo que seja também agradável a Deus e aqueles que nos são caros. Pondo acima de tudo uma vida austera, e na medida do possível, honrar a ciência como força provedora de liberdade, cuja potência exalta o Amor como fonte duradoura do convívio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Trad.: Mário da Gama Curi. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

_____. *Retórica*. Introdução, tradução e notas de Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1999.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 2000.

BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Éléments de Sémiolinguistique (Théorie et pratique). Paris: Hachette, 1983.

CIZEK, Eugen. *L'époque de Néron et ses controverses idéologiques*. Leiden: E. J. Brill, 1972.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso*. Conceitos básicos em linguística. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

EPICURO. *Epicurea*. Edizione di Hermann Usener. Milano: Bompiani, 2007.

GARZANTI. *I grandi dizionari Italiani*. Milano: Garzanti Linguistica, 2005.

GRIFFIN, Miriam T. *Seneca, a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GRIMAL, Pierre. *Sénèque ou la conscience de l'Empire*. Paris: Les Belles-Lettres, 1979.

INWOOD, Brad. (Org.). *Os estoicos*. Trad.: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odysseus, 2006.

KENNEDY, George A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEY, Edwin J.; CAUSEN, Wendell Vernon. *Historia de la literatura clásica*, tomo II. Literatura latina. Madrid: Gredos, 1989.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander. (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 2 vols.

LAUSBERG, Henri. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s/d.].

_____. *Manual de retórica literaria*. Fundamentos de una ciencia de la literatura. Madrid: Gredos, 1991, 3 vols.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1999.

PERELMANN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO. *Simpósio*. Bari (Itália): Laterza, 1996.

POHLENZ, Max. *La Stoa*. Storia di un movimento spirituale. Trad.: Ottone de Gregorio. Milão: Bompiani, 2005.

QUINTILIANO. *De l'Institution oratoire*. Paris: Les Belles-Lettres, 1977.

_____. *De l'Institution oratoire*. Trad.: Nisard. Paris: Chez Firmin Didot, 1881.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1994, vol. III.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

SENECA, Lucio Anneo. *Lettere a Lucilio*. Edizione Acrobat a cura di Patrizio Sanasi. Disponível em:

<<http://www.ousia.it/SitoOusia/SitoOusia/TestiDiFilosofia/TestiPDF/Seneca/LETTERE.PDF>>.

SÊNECA. Epístolas I a XII. Disponível em:

<www.thelatinlibrary.com/sen/seneca.ep2.shtml>.

SÊNECA. *Lettres à Lucilius*. Tome I (Livres I-IV). Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles-Lettres, 1945.

SÊNECA, Lucio Annaei. *Senecae Epistularum Moralium ad Lucilium Liber Primus*. Roma-Milano: Società Editrice Dante Alighieri, 1905.

SETAIOLI, Aldo. *Seneca e lo stile*. In: HAASE, Wolfgang. *Principat: Sprache und Literatur. Literatur der Julisch-Claudischen und der Flavischen Zeit Fortsetzung*. Berlin : Walter de Gruyter, 1985.

TRAINA, Alfonso. *Lo stile drammatico del filosofo Seneca*. Bolonha: Pàtron, 1984.